
Problemáticas de gênero vistas em *boys love*¹

Paulo Henrique TESTONI²
Ana Carolina CERNICCHIARO³
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC

RESUMO

O *boys love* (BL) é um gênero ficcional audiovisual que surgiu no Japão na esfera dos mangás. Ele retrata histórias românticas entre dois garotos ou dois homens, porém seu público-alvo são mulheres heterossexuais. Além disso, o gênero segue uma série de padrões, como retratar no casal sempre um membro *seme* (viril e másculo) e um *uke* (frágil e delicado). Este trabalho procurou fazer análises da obra *boys love Cherry Magic!* nas questões referentes a gênero. Para tanto, foram utilizadas as bibliografias de Butler (2018a; 2018b) e Preciado (2022a; 2022b) como base para estas questões, bem como de Hori (2020a; 2020b) para uma perspectiva japonesa. Foi concluído, ao fim, que as performances de gênero nos personagens em BL funcionam como um lugar de escapismo e identificação para as leitoras japonesas ao colocar-se no lugar do homem ou da mulher. **PALAVRAS-CHAVE:** *Boys love*; Gênero; Mangá; *Dorama*; *Cherry Magic!*.

INTRODUÇÃO

O gênero literário e audiovisual *boys love* (BL), como seu nome sugere, retrata histórias românticas entre dois garotos – ou dois homens. Ele surgiu no Japão através do mangá, passou pelo animê (animações japonesas) e mais recentemente ganhou as telas através de *doramas* – séries televisivas japonesas. Contudo, apesar da representação homossexual, o BL na realidade tem como principal público-alvo mulheres heterossexuais (McLELLAND *et al.*, 2015). Isso se dá por uma série de fatores, incluindo sua relação com a questão de gênero, tornando-se um objeto de estudo com muitas nuances nesse sentido.

O *boys love* vem crescendo cada vez mais mundialmente na área do entretenimento, principalmente no ramo audiovisual (ZHANG; DEDMAN, 2021). No

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade do Vale do Itajaí em e em Letras – Inglês pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. E-mail: phtestoni@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, dos cursos de graduação em Cinema e Audiovisual, Jornalismo e Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Mestre em Literatura pela mesma universidade. Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: anacer77@gmail.com

entanto, ainda é escasso o encontro de pesquisas que o estudem – principalmente no Brasil. Com isso, faz-se necessário o estudo desde fenômeno da ficção.

Nesse contexto, uma das principais obras recentes desse gênero audiovisual é *Cherry Magic!*. A obra começou no mangá, ganhou uma versão em *dorama* (série televisiva japonesa) e hoje também conta com versões em animê (série animada japonesa) e até mesmo uma adaptação tailandesa. Seu nome completo é *Cherry Magic! Thirty Years of Virginity can Make You a Wizard?!⁴*.

O objetivo principal deste trabalho é analisar as questões de gênero presentes no BL através da obra *Cherry Magic!*. As versões da obra utilizadas foram em mangá e em *dorama*. Para tanto, foi feita primeiramente uma revisão de literatura no que diz respeito ao histórico do *boys love* em seu contexto de origem. Após, foi realizada uma análise de trechos da obra em suas versões em mangá e série televisiva com base em conceitos de gênero. Por fim, fez-se um paralelo da análise com os conceitos conhecidos do *boys love*.

METODOLOGIA

Foi feita uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) a fim de que se realize um aprofundamento sobre o histórico dos temas estudados. Com o intuito de compreender o gênero *boys love*, explorou-se primeiramente alguns contextos de questões de gênero e homossexualidade no Japão por meio de autores como Nakamura Momoko (2014) e Mark McLelland (2000). Na sequência, foi estudado sobre o surgimento do mangá e como se deu a chegada do gênero BL através de vários autores, incluindo James Welker (2015). Então, através das bibliografias de Judith Butler (2018a; 2018b) e Paul B. Preciado (2022a; 2022b), foi feita a análise de questões de gênero encontradas em *Cherry Magic!*, nos seus formatos de mangá e de série *live action*⁵. Além destes autores, os trabalhos relacionados diretamente a *boys love* e gênero de Hori Akiko (2020a; 2020b) foram utilizados como uma perspectiva japonesa do fenômeno.

⁴ 30歳まで童貞だと魔法使いになれるらしい (*30-sai made dōteida to mahōtsukai ni narerurashī*) – em tradução livre, “Se você for virgem até os 30, você pode se tornar um mago”.

⁵ Trabalhos audiovisuais realizados com atores e atrizes reais, não animações.

HISTÓRICO DO *BOYS LOVE*

O *boys love* surgiu nos mangás a partir da criação do gênero *shōnen-ai* como um subgênero do *shōjo* (mangá para meninas adolescentes) em meados da década de 1970. O estilo de narrativa foi desenvolvido com elementos de dentro e de fora da cultura *shōjo* e suas primeiras obras retratavam histórias de amor entre jovens garotos num contexto escolar europeu. Os primeiros mangás *shōnen-ai* buscavam uma realidade longe do Japão, fomentando o caráter de fantasia.

Segundo Welker (2015, p. 46, tradução nossa), estudiosos comentam que o tipo de narrativa do *shōnen-ai* servia como um lugar de identificação para as leitoras jovens mulheres “[...] pelo fato de que os casais homem-homem neste tipo de narrativa geralmente têm sido compostos de um parceiro mais masculino e dominante relacionado com um mais feminino e passivo, então reproduzindo grosseiramente a binariedade homem-mulher”⁶. Mais tarde, esses estereótipos ganharam os nomes de *seme* (攻め, atacante) e *uke* (受け, receptor).

Alguns dos primeiros contatos do gênero *boys love* com as telas se deram através dos animês, as animações japonesas. Contudo, um dos primeiros países a produzir obras BL de forma mais significativa em seriados não animados foi a Tailândia, segundo Jirattikorn (2021). A partir desse contexto, mais e mais obras no formato *live action* foram lançadas, com o tempo ganhando público na China, Coreia do Sul e até mesmo no Japão – fazendo a volta para seu país de origem numa outra mídia. O início da produção de dramas e séries com temática BL para o grande público no Japão coincide com o período em que produções tailandesas como *SOTUS: The Series* (2016) e *2gether: The Series* (2020) receberam notoriedade neste território, conforme Welker (2022).

QUESTÕES DE GÊNERO VISTAS EM *BOYS LOVE* E *CHERRY MAGIC!*

Para Hori Akiko (2020a), o gênero evoluiu - ainda nos mangás - de forma que as mulheres o consumissem de forma a suprir seu prazer erótico. Para a autora, o senso comum japonês é entender que para os homens é natural e comum consumir conteúdo sexual, enquanto para as mulheres isso é um grande estigma. Até mesmo por conta disso,

⁶ [...] by the fact that the male–male couples in such narratives have generally been comprised of a more masculine and dominant partner paired with a more feminine and passive one, thus roughly reproducing the male–female binary.

o nome dado às mulheres que consomem *yaoi* no Japão é *fujoshi* (腐女子), que pode ser traduzido como “garota podre”. Essa autora também defende que, já que no *boys love* não se retratam relações que incluam mulheres, não existe a possibilidade de uma retratação opressora ou sexista, apesar de reconhecer que a relação *seme/uke* pode vir a lembrar isto devido ao *uke* ser tratado com submissão. McLelland (2000, p. 80, tradução nossa) complementa essa ideia: “Histórias *shōnen-ai* representam um mundo de romance ideal no qual funciona como uma utopia tanto quanto o mundo do sexo heterossexual funciona como uma distopia”⁷. Para o autor, as dificuldades e relações políticas existentes num relacionamento entre homem e mulher não viriam a existir num relacionamento entre dois homens. Com isso, os “homens” nas obras *boys love* não necessariamente possuem um gênero, possuindo características mais femininas provindas de suas autoras.

Em *Cherry Magic!*, é possível perceber essa binariedade *seme* (viril, másculo, protetor)/*uke* (submisso, delicado, frágil) reforçada em ambas as versões da obra. O protagonista Kurosawa no papel de *seme* faz a função de proteger o outro protagonista Adachi, que representa o lado *uke*.

Figura 1 – Trecho do capítulo 8 de *Cherry Magic!*



Fonte: TOYOTA, 2018.

“Não toque no Adachi.” / “Com licença.” (Tradução minha)

Questões de gênero são extremamente complexas, e se tornam mais ainda quando o *boys love* as desafia. “Existe uma região do ‘especificamente feminino’, diferenciada do masculino como tal e reconhecível em sua diferença por uma universalidade indistinta e conseqüentemente presumida das ‘mulheres’?”, questiona Butler (2018b, p. 18). Ela, em seu trabalho, busca entender, enfim, o que se enquadra na categoria “mulher”. A autora defende que “Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo

⁷ *Shōnen'ai* stories represent an ideal world of romance which is as much a utopia as is the world of heterosexual sex a dystopia.

sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos” (BUTLER, 2018b, p. 21).

CONCLUSÃO

Ao fazer a análise, é possível perceber características tradicionalmente “masculinas” na performance de gênero do personagem *seme*, Kurosawa, e características tradicionalmente “femininas” no personagem *uke*, Adachi, por mais que alguns estudiosos como Nagaike (2012) defendam que nas histórias *boys love* os personagens “percam” seus gêneros, não representando masculino nem feminino. No entanto, a leitura do gênero na obra – e em *boys love* de uma forma geral – mostrou-se extremamente complexa. Não existe um consenso entre autores, e parece haver uma diferença na visão sobre este aspecto entre eles. As diferenças culturais, aqui, se fazem muito presentes. Para autores como Nagaike (2012) e Hori (2020a; 2020b) os arquétipos de *seme* e *uke* no BL fazem com que a mulher japonesa – que teve sua sexualidade “cortada” – se coloque em ambos os lados, ou apenas um, ou nenhum, como preferir ao fazer a leitura.

Ao aplicar alguns conceitos de gênero de Butler (2018a; 2018b) e Preciado (2022a; 2022b) foi possível entender mais sobre a complexidade desta questão dentro do BL. Ishida (2015) ilustra que, através deste gênero de mangá, as mulheres leitoras conseguem se colocar em lugares que outrora não conseguiriam, como a opressão de um “homem” para com outro homem ou a sexualização à vontade, da qual ela é reprimida na vida social. Por isso, o BL funciona como uma maneira de mulheres trocarem suas performances de gênero enquanto leitoras das obras.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de leituras**. n. 78, p. 1-16, 2018a. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 13 abr. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2018b. *E-book*.

CHERRY MAGIC!, Thirty years of virginity can make you a wizard?!. Direção: Kazama Hiroki. Japão: TV Tokyo, 2020. Série exibida pela Crunchyroll. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com/pt-br/series/GDKHZE1GP/cherry-magic-thirty-years-of-virginity-can-make-you-a-wizard>. Acesso em: 17 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

HORI, Akiko. ポルノとBL: フェミニズムによるポルノ批判から [*Poruno to BL: feminizumu ni yoru poruno hihan kara*]. In: HORI, Akiko; MORI, Naoko (eds.). **BLの教科書** [*BL no Kyōkasho*]. Tóquio: Yuhikaku, 2020a.

HORI, Akiko. 社会問題化するBL: 性表現と性の二重基準 [*Shakai mondaika suru BL: sei hyōgen to sei no nijūkijun*]. In: HORI, Akiko; MORI, Naoko (eds.). **BLの教科書** [*BL no Kyōkasho*]. Tóquio: Yuhikaku, 2020b.

ISHIDA, Hitoshi. Representational appropriation and the autonomy of desire in *yaoi*/BL. In: McLELLAND, Mark *et al.* (eds.). **Boys love manga and beyond: history, culture, and community in Japan**. Jackson: University Press of Mississippi, 2015.

JIRATTIKORN, Amporn. Between ironic pleasure and exotic nostalgia: audience reception of Thai television dramas among youth in China. **Asian journal of communication**. v. 31, n. 2, p. 124-143, mar. 2021.

McLELLAND, Mark J. **Male homosexuality in modern Japan: cultural myths and social realities**. Richmond, Surrey: Curzon Press, 2000.

McLELLAND, Mark *et al.* (eds.). **Boys love manga and beyond: history, culture, and community in Japan**. Jackson: University Press of Mississippi, 2015.

NAGAIKE, Kazumi. **Fantasies of cross-dressing: Japanese women write male-male erotica**. Leiden/Boston: Brill, 2012.

NAKAMURA, Momoko. **Gender, language and ideology: a genealogy of Japanese women's language**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2014.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala. Trad. Sara Wagner York. **Cadernos PET Filosofia**. v. 22, n. 1, p. 278-331, 2022a.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/petfilo.v22i1.88248>. Acesso em: 26 abr. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

TOYOTA, Yuu. 30歳まで童貞だと魔法使いになれるらしい [*30-sai made dōteida to mahōtsukai ni narerurashī*]. Tóquio: Square Enix, n. 1-5, 2018.

TOYOTA, Yuu. **Cherry Magic**. Trad. Cristina Mayumi Maki. São Paulo: JBC, n. 1-2, 2024.

WELKER, James. A brief history of *shōnen'ai*, *yaoi* and boys love. In: McLELLAND, Mark *et al.* (eds.). **Boys love manga and beyond: history, culture, and community in Japan**. Jackson: University Press of Mississippi, 2015.

ZHANG, Charlie Yi; DEDMAN, Adam K. Hyperreal homoerotic love in a monarchized military conjuncture: a situated view of the Thai boys' love industry. **Feminist media studies**. v. 21, n. 6, p. 1039-1043, ago. 2021.